

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura apresentam

ISSN 2318-6275



9 772318 627002 >

Revista Memória LGBT - Ed. 7 - Ano 3 - abr / mai 2015

REVISTA MEMÓRIA **LGBT**

www.memorialgbt.com

SER

LÉSBICA

NA

FAVELA

Edição especial

Projeto patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, sendo, contemplado no II Programa de Fomento à Cultura Carioca

Editorial

O Projeto Memória LGBT no MUF está sendo desenvolvido através de uma parceria entre Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo – MUF com a Revista Memória LGBT – RMLGBT em comemoração aos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, tal proposta é patrocinada pela Secretaria Municipal de Cultura e foi contemplada no II Programa de Fomento à Cultura Carioca. A iniciativa contemplará rodas de memória, oficinas, formações, exposição, publicações da RMLGBT, apresentações artísticas e Mapeamento e Inventário do Patrimônio Cultural LGBT na Favela. Desta forma, pretende-se fomentar, promover e estimular a memória de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais das Comunidades Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

A Organização não governamental Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo foi criada em novembro de 2008. A iniciativa nasceu de um encontro de ideias e anseios de moradores da região que viam na ação museológica de preservação uma saída para a valorização da localidade. O MUF possui como uma das principais iniciativas em memória e museologia social o circuito das casas-telas que narram a história de vida da comunidade.

Tais casas estão por todo o percurso, com muitas cores, vida e alegria. Atualmente, uma das principais demandas desta comunidade são ações que visibilizem a memória LGBT dos moradores deste território, bem como, ações pautadas nas diretrizes dos direitos humanos. Por fim, o MUF em parceria com a Revista Memória LGBT realizarão atividades que promovam e perpetuem a Memória LGBT.

A Revista Memória LGBT – RMLGBT, é um periódico digital colaborativo. A RMLGBT tem como premissa a salvaguarda e a comunicação da memória LGBT. Tal iniciativa atende a uma demanda e direito contemporâneo em superação a homo-lesbo-transfobia e a ausência do protagonismo LGBT em museus e espaços de memória. Desta forma, a RMLGBT em seu formato virtual, colaborativo e compartilhado, pretende atender demandas que promovem a memória de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexuais.

As atividades do Projeto Memória LGBT no MUF serão realizadas na sede do Museu de Favela em Ipanema – Cantagalo e abertas ao público a partir de abril. Trata-se de ações pró-memória, garantido o acesso, fruição e democratização da memória, cultura, educação e saúde, bem como, garantir a cidadania plena a lésbicas, gays, transexuais e travestis, além de, ser uma possível ferramenta para superar a homo-lesbo-transfobia na favela e na cidade do Rio de Janeiro. Destaca-se as atividades que serão oferecidas; Abertura da Exposição Memória LGBT no MUF; Oficinas de Mapeamento; Formações temáticas; Publicações em formato de revista impressas e digitais apresentando o Patrimônio Cultural LGBT na Favela.

Ana Muza Cipriano, Sidney Tartaruga e Tony Boita

Expediente

Revista Memória LGBT
Ano 3. Nº 1 ed 7.
Abril/maio
ISSN 2318-6275
www.memorialglt.com
revista@memorialglt.com

**Equipe Projeto Memória LGBT no
Museu de Favela, Pavão, Pavãozinho e
Cantagalo**

Mobilizadorxs: Jaqueline Alves, Jennifer
Borges, João Victor Teodoro, Jonathan
Martins e Jaqueline Alves.

Produção Cultural: Sidney Silva (Tartaruga).

Comunicação: Rafaela Feliciano.

Assistente Administrativo: Fabiana Simão.

Consultor Financeiro: Flávio Feitosa.

Consultor em História: Jean Baptista.

Coordenação Geral: Ana Muza Cipriano
e Tony Boita.

**Museu de Favela - Pavão, Pavãozinho
e Cantagalo**

Antonia Soares: **Diretora Presidente,
Curadora de Ações Educativas,
Coordenadora da Brincadoteca e
Responsável pela RedeMuf.**

Sidney Silva: **Curador da Agenda Cultural.**

Rita Santos: **Curadora de
Memórias e Acervo.**

Mario Chagas: **Diretor de
Articulação e Intercâmbio.**

Rafaela Feliciano: **Gestora do
Núcleo de Comunicação.**

Fabina Simão: **Auxiliar Administrativa.**

João Soares: **Zelador.**

Revista Memória LGBT

Editor Chefe: Tony Boita.

Redação: Ana Muza Cipriano, Jean Baptista,
Sidney Silva (Tartaruga) e Tony Boita.

Direção de Arte: Aline Inforsato.

Corpo Editorial: Andressa Mourão
Duarte, Bruna Andrade Irineu, Bruno Silva
Kauss, Bernardo Dall'Olmo de Amorim,
Danielle Agostinho Cristiano Figueiredo
dos Santos, Dário Ferreira Sousa Neto,
Edegar Ribeiro Júnior, Franciele Monique
Scopetc dos Santos, Gabriela Paes
dos Santos, Geanine Vargas Escobar,
Guilherme Gomes Ferreira, Hagá Galvão
Araujo, Henrique Luiz Caproni Neto,
Jainara Gomes de Oliveira, Jean Baptista,
José Baptista de Mello Neto, José Cleudo
Gomes, Karyna dos Santos Figueiredo
Dultra, Lucia de Fátima Socoowski de
Anello, Luiz Henrique Braúna Lopes de
Souza, Marco Aurelio de Almeida Soares,
Michelle Barbosa Agnoleti, Rodrigo
Andrés Azócar González, Thiago Gomes
Viana, Tiago Minervino da Silva.

Sumário

Entrevista

Mestre Tartaruga **4**

Museologia LGBT

Museologia comunitária LGBT **6**

Exposição em revista

Exposição em revista: Ser lésbica na favela **9**

Sou negra e sapatão, muito poderosa **10**

Quando uma pessoa não assume quem é (...) se aprisiona dentro dela mesma **12**

Minha profissão é lutar **13**

Memórias

Memórias **14**

Debates

Entre as Mulheres eu sou negra, entre as negras eu sou lésbica **16**

Patrimônio Cultural Lésbico

Parque do Flamengo **18**

Clóvis Bornay

Clóvis Bornay museólogo, artista e carnavalesco: 100 anos **20**

Poema

A brisa do amor **22**

Realização



REVISTA MEMÓRIA LGBT

Apoio

REDE LGBT DE
MEMÓRIA E
MUSEOLOGIA SOCIAL

Patrocínio



Mestre Tartaruga

Mestre de Capoeira, um dos sócios-fundadores do MUF, produtor cultural e integrante de movimentos sociais, Sidney Silva – mais conhecido como Mestre Tartaruga – é um homem atento ao seu tempo. Nasceu e criado no PPG, filho do renomado compositor de samba Joel Silva, pai de dois filhos, o Mestre não tem medo de abrir as portas para a temática LGBT em suas ações. Em entrevista para a Revista Memória LGBT, ele fala um pouco mais sobre o projeto Memória LGBT no MUF, suas principais contribuições e perspectivas. Deixa, com isso, uma clara lição de que memória e museologia não podem se entregar às fobias contemporâneas.

Memória LGBT: Como surgiu a ideia de abordar a Memória LGBT no MUF?

Tartaruga: O MUF é um guarda-chuva cultural criado para fortalecer a identidade e memória cultural da comunidade. Há algum tempo venho percebendo a crescente manifestação de jovens e adultos buscando uma identidade, uma autoafirmação LGBT na comunidade. Como trabalho na comunidade, tenho que estar atento a suas movimentações. Achei que deveria ser feita alguma coisa, algo como uma rede de conversas e diálogos sobre o tema na comunidade. Como faço parte da Rede de Pontos de Memória, procurei os parceiros Tony e Jean, da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil,



que já tocavam a revista Memória LGBT. Propus uma parceria para concorrermos ao fundo destinado às comemorações dos 450 anos do Rio de Janeiro. Felizmente deu certo e pudemos começar o trabalho.

Memória LGBT: Muitas instituições receiam abrir as portas para a temática LGBT pelos riscos de sofrerem preconceito. Você não tem este receio em relação a sua pessoa e ao museu?

Tartaruga: Pô, não me importo se as pessoas vão ter preconceito comigo se estou apoiando um projeto LGBT. Estou tranquilo sobre minha sexualidade e quem me confundir é que tem problema. Tenho certeza que este é um tema que tem que ser levado em conta, pois é uma questão dos dias de hoje que precisa de esclarecimento. Creio, também, irmão, que nenhum museu deve ter medo de sofrer este tipo de preconceito. O mundo é complicado. Mas estou aí para o que der e vier. O importante é tocar o tema em frente e promover o debate.

Memória LGBT: Como viveram e vivem os LGBT no PPG?

Tartaruga: Na minha memória identifico alguns gays e lésbicas, na minha infância, mas as pessoas antes eram mais reclusas, ficavam mais na sua. Mas, sim, identificávamos alguns gays e algumas lésbicas na época. Mas era bem diferente do que é hoje. Existiam no carnaval de nossa comunidade, nos blocos locais, fazendo fantasias, organizando bailes, colaborando. Muitos também fechavam com a malandragem da época, tipo os Madame Satã da vida, aqueles marginalizados. E sempre houve a galera que transava cultura. Eles não foram expulsos do morro, nem precisavam sair, muitos viveram aqui até envelhecer e morrer. Hoje é outro cenário. Tanto homens quanto mulheres aqui vivem casa-

dos, namorando, vivendo juntos, presentes em diversas ações e espaços da comunidade.

Memória LGBT: Quais as contribuições que você espera para a comunidade a partir do projeto Memória LGBT no MUF?

Tartaruga: Espero que o projeto ajude a comunidade a ser mais consciente tanto com as questões do seu dia a dia, quanto o que está acontecendo no mundo, em todas as regiões. Como o MUF desenvolve um trabalho de resgate da memória, também temos que levantar o tema LGBT pois em tempos passados já havia LGBT vivendo aqui, eles fizeram parte de nossa história e também não podem ser esquecidos, como tantos outros grupos. Acho importante esta questão, pois este tipo de trabalho com a memória trará mais conhecimento para nossa comunidade tanto sobre seu passado quanto sobre seu futuro.



Museologia comunitária LGBT

Por Jean Baptista e Tony Boita

Para poder contribuir à sociedade, a museologia precisa estar longe do eco

Estendido entre postes e antenas, um varal de barbante com folhas de papel coloridas penduradas comunica memórias tendo o mar de Ipanema ao fundo, de um lado, e a comunidade vertical no morro, de outro. Coloridas com lápis de cor, palavras como “capoeira”, “arte”, “esporte”, “saúde”, “amor”, “igualdade familiar”, “paz”, “mar”, “arpoador”, entre outras, remetem ao cotidiano da comunidade LGBT da favela Pavão Pavãozinho e Cantagalo (PPG). É o Varal de Memórias produzido pela equipe do projeto Memória LGBT do Museu de Favela (MUF) – e é, sobretudo, a primeira conexão pública no Brasil de um projeto que aborda a questão LGBT em um Museu na rua por vias comunitárias, coletivas e econômicas. Enfim, é uma experiência de museologia comunitária, dessa vez LGBT.

O material é resultado da primeira oficina de formação dos integrantes do projeto. Toda a produção foi coletiva, enquanto se conversa, enquanto se desenha, enquanto não se nota que uma oficina está acontecendo, pois é lazer, possui uma meta comum. Buscou-se incluir palavras que pudessem representar a memória LGBT, sua luta e busca por respeito, sem com isso causar

desconforto a ninguém. Optou-se por investir no que há de belo, de positivo, de construtivo na participação LGBT na comunidade. Onde estiveram os LGBT do passado e como participaram da comunidade? Quem somos hoje e qual futuro desejamos? Essas e outras perguntas não diretivas, desenvolvidas ao longo da Roda de Conversa, possibilitou depoimentos mútuos, identificações e memórias que se metamorfosearam nas bandeirolas que compuseram o Varal. Uma estratégia política harmônica, interessada no diálogo construtivo com todos os segmentos sociais tendo em vista uma cultura de paz e respeito à diversidade.

Pois museologia comunitária não se faz sem intenção política nascida dos desejos de memória dos coletivos de onde brota. Por isso é produzida e protagonizada por integrantes da própria comunidade, jamais o inverso, pois são estes os indivíduos com as melhores condições de dimensionar a memória coletiva a qual pertencem. Nada impede a participação de agentes externos ofertando suporte e estímulo, mas o protagonismo, de fato, deve prevalecer ao longo de todo o trabalho. Há no Brasil o risco incrível de se produzir uma museologia expro-

priadora disfarçada de comunitária. Isso só se dá entre os velhos bandeirantes e seus agentes coniventes. Mas comunidade fortalecida, empoderada do conceito de museologia comunitária, não permite tal ingresso.

No nosso caso, como não moradores do PPG, nos conectados com aquelas e aqueles com que desfrutamos de histórias e memórias comuns aos LGBT de todas as partes. Embora haja particularidades em cada territorialidade, que não podem nem devem ser desprezadas, há conexões universais que nos unem relativas ao preconceito e a sua superação. Quando observado atentamente as singularidades, descobrimos nossa pluralidade: comunidades LGBT, no plural, certamente é a forma mais adequada. Somos múltiplas comunidades distribuídas em todo o planeta. Logo, nosso território primordial é o mundo, nossa comunidade é planetária.

As comunidades LGBT rompem o conceito de comunidade nacionalista, inventada ou midiática. De fato, não somos frutos midiáticos ou estratégias de Estados, assim como não somos uma comunidade virtual nascida das novas formas de associação que a tecnologia possibilita. Especificamente no debate museológico, construímos conhecimento para sermos caracterizados como uma comunidade em virtude de possuímos um patrimônio próprio. Temos o pajubá ou bajubá,



linguagem comum aos LGBT do Brasil. Temos nossos circuitos, nossos percursos, permeados de memórias, nossos modos próprios de se expressar. Temos nossa história e memória distinta dos outros grupos sociais.

Compomos, contudo, comunidades onde a memória tem sido atravessada pela violência, segregação, silenciamento e esquecimento. Em geral, herdamos fragmentos das gerações anteriores, memórias perdidas em calabouços tomados de vergonhas. A hereditariedade cultural é comprometida por essa violência, caracterizando-nos como uma comunidade sem memória, o que contribui para nossa vulnerabilidade social. Vivemos, enfim, sem direito à memória.

Hoje nos reconstruímos. Esta revista e este projeto querem encontrar essas conexões entre passado, presente e futuro dessa comunidade que teima em existir. Não somos, portanto, uma comunidade inventada. Somos, sim, comunidades que se reinventam conforme conseguimos sobreviver. E este é o maior patrimônio das comunidades LGBT: a soma entre resistência e a superação – nossos corpos, nossas vidas.

Quando se faz museologia comunitária tendo o corpo e a vida como maior preocupação, não se pode gastar dinheiro de mais com exposição. As estratégias devem ser alternativas pois há questões mais caras



nas quais os recursos financeiros devem ser aplicados. Museologia comunitária é de baixo orçamento, utiliza materiais perecíveis e ocupa espaços públicos, tanto físicos quanto virtuais. No Brasil volumes consideráveis de recursos são gastos em exposições, museus, centro culturais em nome de história, arte e memória. Na verdade, resultam em prédios custosos, altos gastos expositivos, pesados sistemas de refrigeração, acervos onde o conceito de historicidade vinculado à mercantilização do objeto encarece a segurança, somando-se as faixas amarelas proibitivas, os horários inacessíveis a trabalhadores, entre outras características excludentes que afugentam visitantes provindos de comunidades – há algo excessivamente privado, enfadonho e ecoante em tamanha solidão. Nestes espaços, não há vida, nem corpos, nem comunidades. Pois a vida está na rua, sendo este o lugar da museologia. Quando se fala de democratização dos espaços públicos, é pela via comunitária que se torna mais viável, sendo esta uma das mais eficientes colaborações da museologia para a sociedade. Para poder contribuir à sociedade, a museologia precisa estar longe do eco.

No Varal de Memórias, optamos por incluir a palavra “segurança” desenhada em arco-íris. No país que mais mata LGBT no mundo,

encontramos uma comunidade onde isso não existe. Inseridos em um sistema de comunidade periférica, todos os LGBT presentes no projeto apresentaram uma realidade contrária ao do padrão nacional. De fato, experimentamos esta realidade. Ali dormimos de janelas abertas – o que é impensável para um LGBT no Rio ou em qualquer lugar em um contexto de casas invadidas, apedrejadas, violentadas. Também nos hospedamos na casa de uma família que não possui LGBT entre seus integrantes, mas ali fomos recebidos e tratados como membros da família, em uma manifestação de acolhimento que muito raramente recebemos. Vimos também outros LGBT transitando livremente na favela, ocupando postos importantes, desenvolvendo múltiplas atividades, envolvidos, respeitados, vivos. Claro que há questões veladas, mas estas longe estão de se configurarem em um padrão no PPG. Poucas vezes nos sentimos tão seguros. E eis o que a museologia comunitária tem de melhor: ela permite que as comunidades nos eduquem, nos indiquem caminhos para o convívio da diferença, onde é possível os corpos e vidas estarem seguros pois todos estão conectados. Comunidade, propriamente, não fere a quem pertence.

O Varal de Memórias do MUF, é portanto, uma exposição de museologia comunitária composta não apenas pelos integrantes do projeto. As belas palavras, as profissões apresentadas, as distintas contribuições ali inseridas, representam o respeito e a diversidade possível no PPG. O Varal de Memórias, ao fim, é uma boa lição muito mais para o restante do país do que propriamente para a comunidade do PPG. O Rio de Janeiro está de parabéns por ter o PPG em sua geografia neste aniversário. E mais uma vez, é a comunidade que nos ensina a viver.

Exposição
em revista:

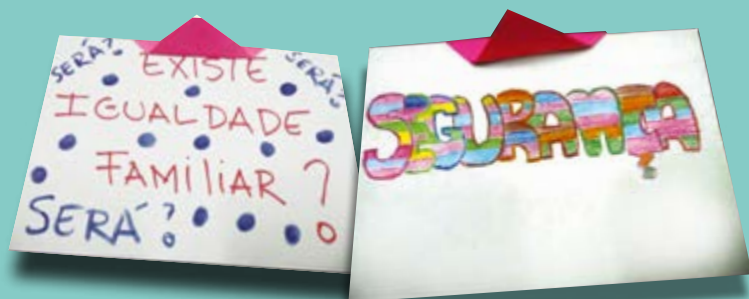
Ser lésbica na favela

São inúmeras as colaborações de mulheres lésbicas ao longo dos 450 anos do Rio de Janeiro. Célebres nomes como Lota de Macedo Soares, criadora do Aterro do Flamengo (confira a coluna Patrimônio), participaram da expansão da cidade. Na música, Ângela Ro Rô, Marina Lima, Cássia Eller, entre outras, colaboraram na riqueza musical e artísticas que tanto caracteriza o Rio. Na política, o Rio tem sido palco de importantes debates envolvendo articulações lésbicas feministas – o I Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), em 1996, ocorreu, de fato, na cidade. Entre outros nomes e eventos, personalidades participam da construção de uma cidade plural promovendo arte, música, política e qualidade de vida para seus moradores e turistas.

Mas além dos holofotes, outras mulheres constroem histórias anônimas, uma micro-história guardada em memórias pessoais e comunitárias. No PPG, não é diferente. Ainda que enfrentando distintas formas de discriminação, elas mostram que não ameaçam qualquer família e que não estão interessadas em prejudicar ninguém, pelo contrário. São contribuidoras para o desenvolvimento da comunidade, envolvidas em ações sociais, mães preocupadas com o futuro dos filhos, trabalhadoras, artistas, esportistas, envolvidas em lutas cotidianas que provam que a superação é o melhor caminho para a construção de um mundo sem lesbofobia.

A seguir, você confere a Exposição em Revista Ser Lésbica na Favela, construída coletivamente entre os integrantes do projeto Memória LGBT no MUF, em comemoração aos 450 anos do Rio de Janeiro. São depoimentos que retratam a realidade de um país muitas vezes silenciado pela violência, mas que não teima em superar ofertando o que se tem de melhor à cidade: as memórias de quem resiste.

Boa exposição!



Sou negra e sapatão, muito poderosa

Por Ana Muza

A primeira coisa que pensei quando percebi que gostava de meninas foi que precisava ir a uma igreja. A criação que recebi era muito fechada. Minha família, no interior de Minas, não tinha qualquer informação sobre gênero e sexualidade. Mas eu descobri logo aos 11, 12 anos qual era minha orientação. Naquela época, não era como hoje, era mais opressivo, havia pouca informação.

A resposta que tive para minha orientação acabou vindo do espiritismo. Entendi

que gostar de uma outra mulher não me faz uma pessoa esquisita, que isso tem a ver com outras questões. Quando você vai em uma igreja e dizem que isso é do demônio, não me parece uma explicação muito satisfatória. Mas quando se vai em outra religião e ela mostra um leque de opções que explicam o que o espírito carrega, acaba entendendo melhor. Quando dizem que tudo que é sapatão é da macumba, isso acontece porque o espiritismo costuma aceitar melhor a diversidade do que outras religiões. Mas não acho que o grande fator que me definiu foram outras encarnações, mas, sim, uma violência sexual que sofri de meu padrasto, ainda na adolescência. Isso me bloqueou. Fico mais à vontade com mulheres. Me sinto mulher e me sinto atraída por mulheres.

O meu primeiro beijo eu estava com 15 anos. Foi escondido, mas eu falei “acho que é isso que eu quero”, pois justamente me senti à vontade. Eu me apaixonei perdidamente por ela. Fazia tudo por ela e tudo queria fazer com ela. Mas depois disso até os 19 não aconteceu nada. Homens para mim não são impossíveis e tive meus filhos.

Logo depois que minha mãe faleceu, vi que minha sexualidade não poderia ficar



sendo reprimida. Minha mãe desencarnou sem saber que tinha uma filha gay. O que para mim é triste em parte, pois ela morreu sem saber de uma parte importante de mim, mas em sonho ela veio a mim e tive a oportunidade de contar. Ela me disse “se você está feliz, eu estou feliz também”. Era o aval que queria. Eu acordei chorando de felicidade. Conclui que eu poderia ter a vida que queria pois a pessoa que me gerou me pediu isso.

Já namorei uma menina layde, mulheres mais femininas, com comportamento mais parecido com o meu. Já a minha atual companheira, com quem moro, tem o pensamento mais masculino, ainda que não seja tão bofinho, ela é meio termo. Mas o pensamento dela é totalmente masculino. Ela chega do trabalho e se não tiver a janta pronta a casa cai. Para ela é assim: se eu estou trabalhando o tempo todo, quando chegar em casa tem que estar tudo pronto, as crianças arrumadas, a mulher perfumada, a casa arrumada, janta na mesa. Ela diz: “ok, vou sair com minhas amigas para jogar futebol, mas você não pode sair com suas amigas”. E eu fico debatendo: “Não, os direitos são iguais! Se eu faço a comida, você lava a louça, você não me paga...”. Estamos morando juntas e tem que haver divisão de tarefa igualitárias.

“Preservo muito meus filhos, pois eles podem ser discriminados. [...] Não se trata de vergonha, mas de segurança.”

Preservo muito meus filhos, pois eles podem ser discriminados. Há pouco um garoto foi morto por ser filho de casal gay. Não se trata de vergonha, mas de segurança. Me preocupo que quando eles estiverem maiores

as pessoas podem falar coisas que os deixe tristes. Eu não sei como outras crianças estão sendo educadas por suas famílias sobre essas novas famílias. Um dia minha filha me perguntou porque na escola ensinaram que é errado. Ela prefere dizer que a mãe mora com uma amiga. Mas ela sabe, em casa não temos segredos. Ou-

tro dia ela deu um beijo em uma menina. Perguntei a ela o que ela sentiu. Ela disse que não gostou. Então expliquei que ela provavelmente era hétero, que aquilo havia sido apenas uma experiência, que cada um tem seu perfil. Não é por ela ser minha filha que será lésbica, isso não existe.

Já no âmbito de trabalho procuro não falar, pois já fui transferida de função por ser lésbica, prejudicada profissionalmente apenas por ter outra orientação. Já aqui na comunidade é muito tranquilo. Não tenho problemas. Sou respeitada e respeito todo mundo.

Hoje me assumo: sou negra e sapatão, muito poderosa. Sou integralmente assumida, com minha própria espiritualidade, mãe de família e sei que tenho que ter argumento para chegar e sair de um lugar sem que eu e meus filhos sofram preconceito.



Quando uma pessoa não assume quem é (...) se aprisiona dentro dela mesma

Por Jaqueline Alves

Meu nome é Jaqueline, tenho 19 anos e moro na comunidade PPG há quatro anos. Vim do Ceará para o Rio em busca novos horizontes. Trabalho e estudo, me preparando para o futuro. Aqui conheci minha companheira, minha primeira namorada, com quem tenho um relacionamento de três anos. Vivemos juntas há três anos.

Minha memória mais marcante sobre minha identidade foi o momento em que tive que contar para minha mãe sobre meu namoro. Foi um choque muito grande para ela, sobretudo porque ela ficou sabendo por outras pessoas, e não por mim. Acho que isto foi o mais difícil, pois a versão dos outros nem sempre condiz com a realidade. Foi tudo por telefone, já que ela ainda vive no Ceará, o que dificultou ainda mais. Foi muito marcante, fiquei sem palavras no momento, pois a reação dela foi muito complicada. Ela não aceitou totalmente até hoje, mas me trata bem, o que é o principal. O período mais difícil, acho, já passou.

Imagino que não deve ser fácil para as mães ouvirem seus filhos dizerem que não são héteros. Se fosse eu a mãe, ensinaria aos meus filhos a viver em uma sociedade sem preconceito, iria passar uma visão de igualdade. Às vezes, eu e minha companheira falamos disso, sobre ter filhos. Hoje em dia há várias possibilidades para as pessoas terem filhos, tipo adoção e inseminação. Quem sabe futuramente, quando as coisas estiverem mais estabilizadas?

Hoje em dia eu sou super tranquila, não tenho nada a esconder, minha vida é um livro aberto. Acho que as pessoas não tem que ficar opinando em relação a vida de ninguém. Falo mesmo. Algumas pessoas tem reações estranhas, mas não me ligo muito. Nesses quatro anos que vivo no PPG, os moradores tem tido reações diferentes, tem de tudo um pouco. Pessoas mais velhas e religiosas, mesmo que falem que não tem preconceito, olham meio torto. Mas acho que hoje em dia a maioria dos jovens são mais acessíveis, mais abertos à diferença, não querendo interferir uns na vida pessoal dos outros.

Quando uma pessoa não assume quem é, seja o que for, é tão chato, porque depois de um determinado tempo se aprisiona dentro dela mesma. E isso não queria para mim.





Minha profissão é lutar

Por Taynara Santos

Sempre gostei de esportes. Usava roupas mais de meninas quando ia sair, mas no dia-a-dia, sempre me vesti com bermudão, boné, que é o meu gosto, a forma como me sinto melhor para viver quem sou, esportista. Jogo futebol, capoeira e, principalmente, treino quase que diariamente no boxe.

Minha profissão é lutar. Sou boxeadora. No boxe há muita diversidade. Há mulheres héteros e lésbicas que treinam. O boxe muita gente não sabe, mas ele é para lutadores, não interessa o que cada um faz.

Quando me assumi, não foram as pessoas que se afastaram de mim, pelo contrário, fui eu quem me afastei. Fui atrás de outras oportunidades. Deixei para trás amigos passados mas mantive os que tinham os mesmos objetivos. Eu tive que mudar por mim mesma. No esporte me encontrei, tomei disciplina e dedicação.

Na favela sou tudo de bom. Todo mundo me trata bem, com respeito porque eu respeito todo mundo para ser respeitada por



todo mundo. Eu tenho minha disciplina: cada um na sua. Se me criticarem, não tô nem aí, e aqueles que não criticam, vamos só somar, sem preconceito, cada um respeitando seu ser. Para mim não tem esse negócio de me incomodar por me chamarem de sapatão.

Na família, as coisas foram tensas. Fiquei semanas pensando em como falar com minha mãe. Eu penso e gosto de agir logo. E foi também uma atitude que tinha que tomar. Falei, foi normal, mas tenso, mas depois tudo se encaixou no seu lugar.

Já sofri bastante preconceito na rua. Há homens héteros que desrespeitam muitas pessoas. Mas isso aí a gente supera. Mesmo sendo boxeadora e capoeirista, não saio batendo em ninguém. Como disse, tenho minha disciplina, mantenho minha concentração no que é importante de verdade.



Ser lésbica pode ter mais de um simples significado. Existem lésbicas que percebem suas vivências como uma das diferentes formas de amar; existem aquelas que veem a lesbiandade como ato político. Eu vejo como um misto dos dois.

Por Jennifer Borges



Subindo as escadas de um morro, pra mim desconhecido, até então não sabia exatamente o que encontrar. Existem muitos mitos sobre as lésbicas; muitas lendas urbanas que nós temos que superar para encontrar nossas próprias identidades. Enquanto eu crescia, achava que só poderiam existir as lésbicas masculinizadas, as “caminhoneiras”. Já sabia que isso eu não era eu, ao menos, não por inteira. Foi ao conhecer melhor a vivência LGBT que percebi toda a diversidade lésbica existente: as femininas, as masculinas, as intermediárias; as lésbicas políticas, as lesbofeministas... Isso pra não falar sobre preferências sexuais e performances comportamentais que flutuam entre o feminismo e a reprodução de papéis e estereótipos de gênero. Dentre mitos e verdades, diversas realidades e, entre elas, não saberia dizer o que poderia encontrar subindo o PPG. O meu primeiro encontro me trouxe sorrisos: a primeira representação das lésbicas desses morros foram as minhas companheiras mobilizadoras do projeto Memória LGBT no Museu de Favela PPG (MUF).

Negras, brancas, universitárias, artistas, lutadoras, mães. Cada uma um ícone de diversidade, cada uma abrigando uma estrangeira como melhor amiga; demonstrando o tipo máximo do carioca que sorri, abraça e trata com delicadeza.

Lésbicas amam mulheres. Amam a estética, os gestos, o sexo. Isso não muda do asfalto para a favela; isto não muda de um Estado para outro ou de um país para o outro. E, por mais que não percebam, lésbicas transgridem as normas.

A lésbica que busca os filhos no colégio mostra a sua existência, enfrenta preconceitos expostos e os implícitos, ensina suas crianças sobre amor, respeito e tolerância; os torna multiplicadores dessas ideias tão simples e tão revolucionárias para se criar um mundo mais bonito e menos hostil. A lésbica que ocupa postos atléticos mostra a força física e psicológica das mulheres; a lésbica artista vê e expressa a beleza do mundo. Todas percebem o mundo a sua maneira. E são vistas, admiradas. Elas entregam as notícias aos moradores das comunidades, elas os ensinam como se defenderem em situações de perigo iminente. Elas colore o mundo quando ele parece feio, pesado e violento demais.

Elas são as mulheres, a favela, as lésbicas. Elas são o mundo melhor e este novo mundo está em cada uma delas. Do alto do morro ou no frio do asfalto, nós somos os rostos que mostram que um amor de mulheres para mulheres é real. Nós mostramos que é possível viver e amar, mesmo sendo entre mulheres.

Nós somos humanas; nós somos lésbicas.; nós somos amor e rebelião.

ENTRE AS MULHERES EU SOU NEGRA, ENTRE AS NEGRAS EU SOU LÉSBICA

Por Treyce Ellen Goulart

O sentimento de inadequação contido na fala da poetisa negra e lésbica Audre Lorde ressoa em meus pensamentos e nas memórias que tenho de inúmeros relatos de outras jovens mulheres negras e lésbicas. Ao que parece, nós precisamos vencer de uma só vez três entraves sociais estabelecidos: o machismo, o racismo e a homofobia. Me pergunto qual seria o pior dentre os três, qual seria a nossa prioridade, nosso maior inimigo a combater?

Quando pensamos somente sobre os dois primeiros termos desta equação não poderia me privar de referendar Bell Hooks. A autora nos lembra de que, durante muito tempo, nos foi dito que a emancipação do sistema racista seria o bastante para a garantia de nossa liberdade. Naquele momento, nos parecia que o racismo deveria ser nossa maior preocupação. Antes de sermos mulheres éramos negras. Estas questões também se fizeram presentes no Brasil, como é apontado pela professora Sueli Carneiro. Por aqui, as memórias contadas por nossas bisavós, avós e mães eram/estão traduzidas em corpos que trazem marcas de seres aos quais nunca fora concedida a imagem de fragilidade, como tradicionalmente ocorria com mulheres brancas.

Entretanto, é inegável que estivemos tanto lá quanto cá duplamente oprimidas pelo racismo e pelo sexismo.

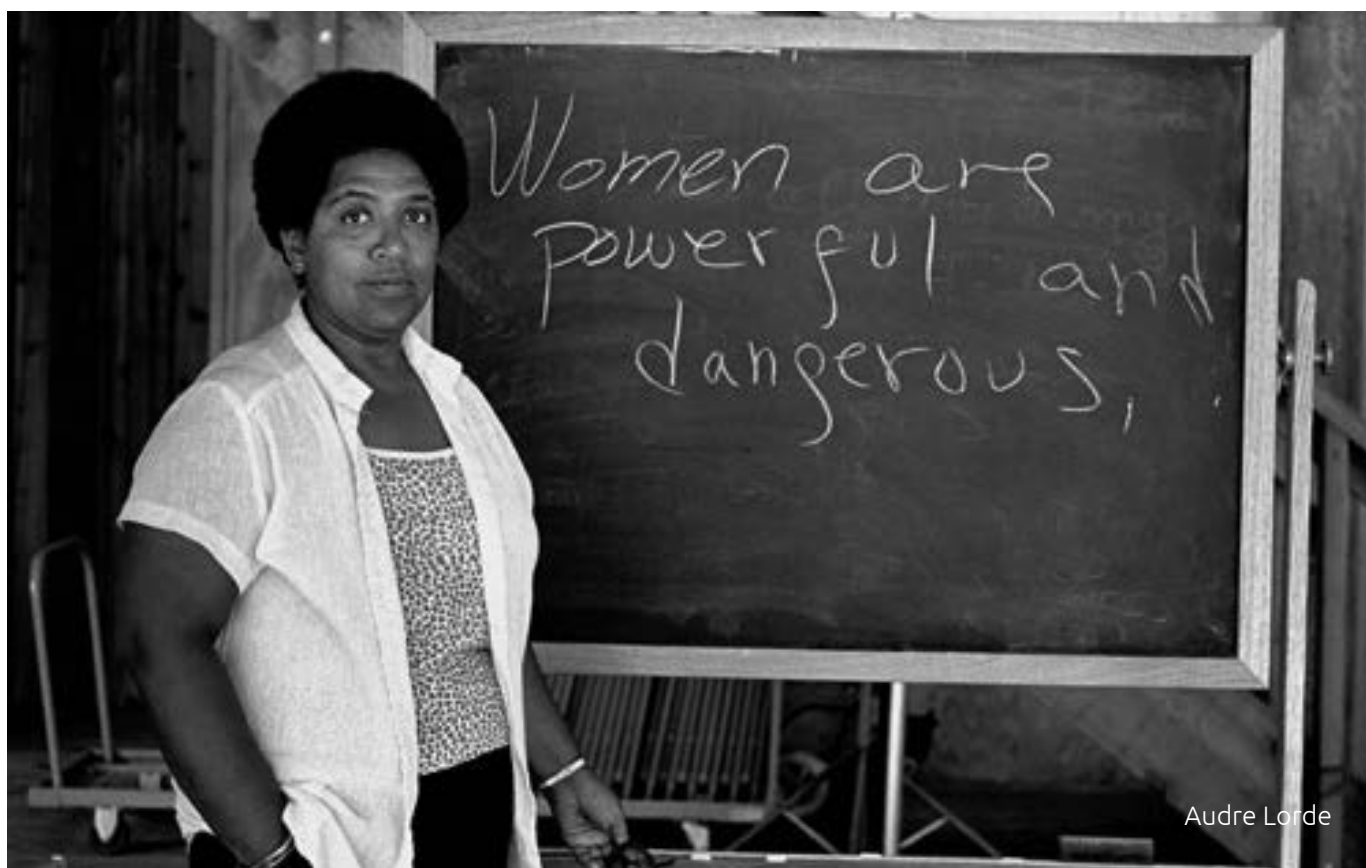
No campo da visibilização de nossas identidades, nossa orientação sexual – nossas lutas, vitórias, derrotas e avanços nesta área – se apresentam bastante ofuscados. Pensemos e listemos juntxs uma lista de cinco mulheres negras lésbicas ou bissexuais. Conseguiu lembrar alguém? Confesso: quando comecei a desacomodar o meu olhar e realizar este exercício proposto, percebi que, pessoalmente, tive durante minha adolescência e mesmo hoje pouquíssimas ou nenhuma referência de lésbicas ou bi. Mesmo hoje precisei recorrer a outras companheiras, ativistas/blogueiras e à internet. Tive a felicidade de encontrar e me apaixonar pela cantora Tracy Chapman (trilha sonora da escrita deste texto), descobrir a bissexualidade da rapper e atriz norte americana Queen Latifah, lembrar Preta Gil entre outras de nós que aí estão inseridas no cenário cultural.

Ao encontrá-las algumas questões ficaram esclarecidas enegrecidas (sim, enegrecidas porque me incomodaram, chamaram à reflexão, ao questionamento). Onde estarão as mulheres negras e bissexuais assim como eu nas Universidades, por exemplo? Existe um conhecimento científico aprofundado e que nos represente? Onde estão registradas e valorizadas nossas memórias, nossa resistência e nossa batalha cotidiana pela sobrevivência aos,

ao menos, três sistemas de opressão cotidianamente enfrentados por nós?

Hoje é possível vislumbrar um cenário de relativos avanços, forte e resistentemente conquistados por nós mulheres negras. Entretanto, me parece que nossa força e enfrentamento aos danos causados por este triplo sistema de opressão não significa transformá-lo. Nossas realidades nos permitem um olhar marcado por especificidades e que devem ser considerados nas lutas pelos direitos das mulheres. Em um mundo em que conquistamos a legalização ao casamento homoafetivo, em que a sexualidade é celebrada (pelo menos em nosso meio), em que nos unimos frente àqueles/

as que desejam e procuram tolher nossos direitos mais básicos como podemos trazer a tona, discutir, fortalecer nossas especificidades e enfrentar os desafios enquanto negras lésbicas/bissexuais? Ainda que acredite que o início da batalha – interna, pessoal, autoconsciente – precise ser pautado pela consciência de que não devemos hierarquizar nossas opressões, não procuro aqui apresentar respostas prontas. De fato, não as possuo. Deixo a reflexão e o dever de casa (para mim também) de buscar estes vestígios que guardam pedaços de nossas memórias e de nossa história e que talvez possam colaborar na composição identitária de cada uma de nós.



Parque do Flamengo

“Este é o Aterro do Flamengo” – disse o taxista com orgulho, acostumado com turistas, tão logo chegávamos ao parque – É um ótimo parque feito pelo Burle Marx.

A frase, sem que fosse intensão do profissional, doeu em mim. Há algum tempo estudando o patrimônio LGBT, já tinha notícias de que a idealização do parque, sua construção e propostas singulares que o caracterizam, são de autoria de uma célebre lésbica, Lota de Macedo Soares (1910-1967).

Lota manteve um relacionamento produtivo e conturbado com outra lésbica célebre, a escritora estadunidense norte americana Elizabeth Bishop. Em 1960, com o Governador Carlos Lacerda eleito, Lotta é convidada a ser responsável por projetar o parque. Em 1961 a seu pedido o governador assina o decreto nº 607 que criava juntamente a Superintendência de Urbanização e Saneamento – Sursan o grupo de trabalho para a urbanização do aterro do Glória-Flamengo. Este grupo possuía a seguintes funções: a) orientar e projetar todas as obras arquitetônicas, paisagísticas e artísticas, a serem realizadas pela Sursan no aterro do Glória-Flamengo; b) supervisionar a urbanização e a composição paisagística da faixa do aterro, na orla marítima Glória-Flamengo; c) opinar sobre a eventual aquisição e localização de qualquer obra de arte a essa área destinada.

Na primeira formação deste grupo de trabalho, Lotta era a presidente e ao montar

sua equipe convida para realização do projeto arquitetônico Jorge Machado Moreira e o responsável pelo anteprojeto do parque Affonso Eduardo Reidy. Também integraram o grupo de trabalho Berta Leitchic (engenharia), Ethel Bauzer Medeiros (recreação), Carlos Werneck de Carvalho, Sérgio Bernardes e Hélio Mamede (desenvolvimento de projetos). Esta equipe contou com os serviços técnicos da Roberto Burle Marx e Arquitetos Associados responsáveis pelo serviço paisagístico, encontrados próximos ao Museu de Arte Moderna; o Laboratório de Estudos Marinhos de Lisboa, que solucionou os problemas do aterramento do parque; e do Richard Kelly contratado especialmente para solucionar a iluminação do parque com os maiores postes de luz mundo inspirados na luz da lua.

Burle Marx já era um nome célebre do paisagismo brasileiro e rival político dos aliados de Lota. Publicamente, ele inicia uma campanha para tomar o controle das obras do parque. As alianças de Burle Marx possibilitaram, ao fim, que seu nome viesse à frente, e, ao que parece, a memória oficial do Rio de Janeiro preferiu, ao fim, reconhecer a autoria do parque ao paisagista, o que penetrou no imaginário da cidade e desembocou em minha conversa com o taxista.

De fato, o Parque do Flamengo tornou-se um complexo paisagístico composto por dois parques, museus, monumentos, pistas, quadras de esportes, clubes náuticos e jar-

dins. Ele foi tombado (número do processo 0748-T-64) no livro tomo arqueológico, etnográfico e paisagístico em julho de 1965 (IPHAN, 2012), em uma das últimas articulações de Lota para impedir que o parque fosse transformado em área residencial. Nesta conjuntura, tornou-se mais confortável aos sucessores, sobretudo militares, escamoteá-la da memória do projeto, o que talvez tenha contribuído para o processo de depressão que culminou em seu suicídio, em 1967.

Após trinta anos da inauguração do parque, em 1995 a prefeitura do Rio de Janeiro através da Secretaria de Cultura e o Departamento Geral de Patrimônio Cultural, realizou uma homenagem à idealizadora do Parque do Flamengo. Entre as ativi-



dades, foi inaugurada uma discreta placa ressignificando a autoria do parque com os dizeres “Idealizadora do Parque do Flamengo e presidente do grupo de trabalho que transformou um aterro em jardim e área de lazer ativo.”

Pensando nessa história, desci do taxi e pela primeira vez caminhei pelo Aterro, alcançando a placa que tenta solucionar a confusão. Queria ter conhecido Lota e dito a ela o quanto seu trabalho é importante para mim, para as lésbicas, para a comunidade LGBT em geral. E queria lastimar, apesar do empenho, pelo desmerecimento de seu trabalho, apagado da memória nacional, ainda que a tal placa tente dar conta do recado sem, contudo, advertir o imaginário da cidade. Também observei a movimentação LGBT por ali que, assim como outros grupos, tem o parque como lugar de referência.

E, ao fim, pensei quantos outros lugares nossos – quantos outros patrimônios LGBT – ainda estão silenciados, escondidos por equívocos discriminatórios, aguardando novas significações de sua história.

Clóvis Bornay museólogo, arti

Por Mário Chagas



Legenda: Clóvis Bornay: professor do Curso de Museologia. Foto: Mário Chagas. Acervo da Escola de Museologia da UNIRIO. Crédito da imagem: Núcleo de Memória da Museologia (UNIRIO). Agradecimentos: Ivan Coelho de Sá

Clóvis Bornay vive! 1915-2015, centenário de Clóvis Bornay

Meu primeiro contato com o Museu Histórico Nacional e minha primeira aula no Curso de Museologia, sediado no referido Museu, aconteceu em 1976, e foram mediados por Clóvis Bornay. Lembro-me muito bem dos seus gestos, das suas formas de expressão, da sua fala, do seu sotaque (que para mim pareceu decorrente de um fenômeno que minha mãe chamava de língua presa); lembro-me que cheguei a pensar “porque esse cara não corta o cabresto e solta a língua presa”?

Não me lembro do conteúdo histórico e museológico da visita guiada por Clóvis Bornay, ainda que ele tenha falado muito sobre o Brasil Colônia, sobre o Brasil Holandês, sobre príncipes e princesas; mas lembro-me do seu carinho, da sua alegria, da sua dedicação, do seu amor por aquilo que fazia. Muitas e muitas visitas que guiei no Museu Histórico Nacional e em alguns outros museus tinham por referência aquela visita ancestral, tão especial, espontânea e fora do previsível.

Não me lembro de quantos estudantes estavam ali reunidos, acompanhando a visita de Clóvis Bornay, mas lembro-me que não nos conhecíamos e que a maioria de nós conhecia o Clóvis. Éramos um grupo de anônimos recebido por uma

ista e carnavalesco: 100 anos

celebridade que navegava num mundo todo especial. Aquela entrada no Curso de Museologia não poderia ser mais extraordinária. Para mim, ela veio a significar o vínculo com a vida. Mais tarde, dois ou três anos mais tarde, incorporei em minha vida e em meus argumentos a ideia do museu e da museologia biófila em contraposição à ideia do museu e da museologia necrófila.

Quando fui recebido e guiado por Clóvis Bornay no MHN é evidente que eu já sabia quem era ele. Ali estava o cara! Ali estava o Hors-concours em termos de fantasia de carnaval! Nessa altura, eu morava na fronteira entre Rocha Miranda, Honório Gurgel, Marechal Hermes e Madureira (tudo isso faz parte do Sertão Carioca). Um dos principais caminhos para sair de minha casa em direção à cidade (era assim que se falava) era a Estrada do Sapê, que passava em frente ao Grêmio Recreativo Escola de Samba da Portela. Clóvis Bornay havia sido o carnavalesco campeão do ano de 1970, na Portela, com o enredo “Lendas e Mistérios da Amazônia”. O samba desse enredo é um dos melhores sambas-enredos de todos os tempos. Eu tinha 14 anos, não desfilei (aliás, nunca desfilei em nenhuma Escola de Samba), mas fui a muitos ensaios no Império e na Portela e até hoje sei de cor o referido samba que diz:

Nesta avenida colorida
A Portela faz seu carnaval
Lendas e mistérios da Amazônia
Cantamos nesse samba original
Dizem que os astros se amaram
E não puderam se casar
A lua apaixonada chorou tanto
Que do seu pranto nasceu o rio e o mar
A lua apaixonada chorou tanto
Que do seu pranto nasceu o rio e o mar
E dizem mais
Jaçanã bela como uma flor
Certa manhã viu ser proibido seu amor
Pois um valente guerreiro por ela se apaixonou
Foi sacrificada pela ira do Pajé
E na vitória Régia
Ela se transformou
Quando chegava a primavera
A estação das flores
Havia uma festa de amores
Era tradição das Amazonas
Mulheres guerreiras
Aquele ambiente de alegria
Só terminava ao raiar do dia
Os quindo lá lá
Os quindo lê lê
Olha só quem vem lá
É o Saci Pererê
Os quindo lá lá
Os quindo lê lê.
Olha só quem vem lá
É o Saci Pererê
Os quindo lá lá
Os quindo lê lê

A brisa do amor

Por João Victor Teodoro

Sentimento maldito esse tal de amor,
o chicote da saudade bate no seu peito e corrói,
ah como dói.
Maldito esse tal de amor,
chega como uma brisa,
quando se menos espera você esta perdido,
num labirinto sem saída.
Maldito esse tal de amor
quando você acha que esta perdido
ele te acha e te afaga com um toque,
um carinho,
te ajeita num ninho que tudo passa,
tudo,
tudo até a sua dor.

**Envie sua história
Conte suas memórias
Denuncie a discriminação**

Envie também depoimentos,
contos, relatos, fotos e o que
mais quiser

Envie sua contribuição até o dia
10 de maio

revista@memorialgibt.com

REVISTA MEMÓRIA LGBT

MEMÓRIA LGBT

**NO
MUSEU**

Programação

19 de abril, domingo.

Local - Terraço do Museu de Favela
Pavão, Pavãozinho e Cantagalo

14h - Formação memória LGBT

16h - Lançamento da Revista
Memória LGBT no Museu de Favela
Pavão, Pavãozinho e Cantagalo

17h - Roda de samba

21 de abril, terça-feira.

Local - Quadra do Pavão


17h - Roda de Memória

18h30 - Cine memórias -
apresentação de filmes

20h - Happy hours

22h - Encerramento

ACOMPANHE:

 /revistamemorialgbt
/museu de favela

 @memorialgbt

*Em caso de chuva as atividades serão realizadas no terraço do Museu de Favela, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo

Realização



REVISTA MEMÓRIA LGBT

Apoio

REDE LGBT DE
MEMÓRIA E
MUSEOLOGIA SOCIAL

Patrocínio

